“E se alguém se crê normal, será melhor que se apresse a esconder as antenas”

Autora: Isadora Maria Santos Dias (Mestranda – Universidade de Brasília)
Orientadora: Regina Dalcastagnè

Introdução

No romance autobiográfico *O corpo em que nasci* (2013), de Guadalupe Nettel, a autora-personagem narra suas experiências, pré-adolescência, adolescência e vida adulta, lidando com a separação dos pais, o conservadorismo da avó, os constantes tratamentos médicos arranjados pela mãe e as descobertas em relação a própria identidade. O título do livro, entretanto, não se dá por acaso, em meio ao caos da adolescência, a narradora-protagonista lida também com o estranhamento de si e dos outros por conta de uma mancha branca de nascença na pupila direita, que a deixa quase cega de um dos olhos.

Ilustração: Cecilia Ruiz

“O corpo em que nascemos não é o mesmo que deixamos o mundo. Não me refiro somente à infinidade de vezes que matam nossas células, e sim a nossos traços mais distintivos, essas tatuagens e cicatrizes que com nossa personalidade e nossas convicções vamos somando, guiando-nos com o toque, como melhor podemos, sem orientação nem tutelas.”

Discussão

De acordo com a concepção capacitista, pessoas com deficiência são inerentemente inferiores e/ou menos capazes de gerir suas vidas pela sua condição física, sensorial, mental e intelectual desviante do que é tido como corpo padrão/saudável. Nesse sentido, as experiências de exclusão no ambiente escolar, os recorrentes e dolorosos procedimentos médicos e a hiperproteção familiar, as quais autora-narradora é submetida, seriam explicáveis (mas não justificadas) por esse tipo de estrutura social. Visto que, é a deficiência que a faz ser identificada como inadequada ou nos próprios termos da personagem uma *outsider*. Contudo, distante do que Simi Linton (1998) e Anahi Guedes Mello (2010) denominam narrativa da tragédia pessoal e/ou necessidade de superação da deficiência, a protagonista decide por não fazer a cirurgia que a curaria. Não pelo desafio às autoridades materna e médica, mas sim por perceber que sua identidade só é possível e completa a partir do seu olhar atrofiado e manchado de branco.

Conclusão

Em uma sociedade que sistematicamente inferioriza e pune pessoas, corpos com deficiência, em que a noção comumente disseminado é a de superação e cura, discursos no qual “o medo da anormalidade passa a povoar as instituições de forma radical e as pessoas com deficiência, traduções deste horror, seriam objeto de uma construção coletiva da grande narrativa capacitista (DIAS, 2013, p. 9)”. A história de Guadalupe Nettel se apresenta, portanto, como um pequeno, mas significativo ato de teimosia pela diversidade de representação de corpos e modos de ser.

Bibliografia

DIAS, Adriana (2013*). Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal a narrativa capacitista social*. In: Anais I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência. São Paulo: Editoras: SEDPcD/Diversitas/USP, p.1-14.
LINTON, Simi (1998). *Reassigning meaning. Claiming disability*. New York, NY: New York University Press.
MELLO, Anahi Guedes de (2010). “A construção da pessoa na experiência da deficiência: corpo, gênero, sexualidade, subjetividade e saúde mental”. In: MALUF, Sônia Weidner e Carmen Susana TORNQUIST (orgs.). *Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.
NETTEL, Guadalupe (2013*). O corpo em que nasci*. Rio de Janeiro: Rocco.

CAPES
Universidade de Brasília
Pós lit UnB
grupo de estudos em literatura brasileira contemporânea